

REAL • OITO ANOS

Salário em queda, desemprego em alta

Ganho de renda é metade do obtido até 97

Flávia Oliveira

• O mercado de trabalho da Era Real lembra a história da pessoa que é convidada para uma festa num restaurante, se farta de comida e, apenas no fim, descobre que terá de rachar a conta. Nos primeiros anos do plano, o fim do chamado imposto inflacionário e a aceleração da atividade econômica resultaram em expressivos ganhos reais de rendimento e aumento da oferta de trabalho. De 1994 a 1997, a renda cresceu 28,4% acima da variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), medido pelo IBGE.

Mas desde 1998, em razão das turbulências externas e da desvalorização do real, a renda não pára de cair. Este ano será o quinto consecutivo, estima o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Até abril de 2002 (último dado disponível), segundo o economista e professor da UFRJ João Sabóia, o aumento real acumulado desde a implantação do Real já tinha sido reduzido a 12,7%:

— Estamos muito perto de devolver todo o ganho obtido nos primeiros anos do plano. No mercado de trabalho, a avaliação é desfavorável. O crescimento econômico fez muita falta.

Sabóia calcula que para as condições do mercado de trabalho não piorarem, a economia precisa avançar, ao menos, 3,5% ao ano. Como no Real a expansão foi de 2,5% em média, o desemprego cresceu. Desde 1998, o índice de desocupação tem ficado acima de 7%. Só em 2001 a taxa foi de 6,2%, não por aumento de vagas, mas pelo alto número de brasileiros que desistiram de procurar trabalho.

O economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, lembra, no entanto, que a crise do mercado de trabalho foi mais intensa nas metrópoles. Os habitantes das pequenas cidades e áreas rurais se beneficiaram com o aumento real do salário-mínimo, que passou de R\$ 70 para R\$ 200 nos oito anos do plano, e com programas do tipo bolsa-escola.